

Ser mediterrâneo.

Este artigo está sendo escrito na Provença. O autor a escolheu como morada por sentir afinidade visceral com a sua paisagem. Outras paisagens assim vivenciadas por ele são a Toscana e a Andalucia. Na tentativa de "racionalizar" esta preferência visceral o autor recorreu à sua judaicidade: é visceralmente mediterrâneo por ser judeu. Porque parece obvio, para quem lançar um olhar sobre o mapa, que a Terra de Israel, formadora do judaísmo, é tão mediterrânea quanto o são as três regiões mencionadas. E a comparação das paisagens parece comprová-lo: colinas severas e pedregosas, banhadas por luz transparente, cobertas de vinhedos e oliveiras, e sustentando rebanhos de ovelhas. No entanto, e curiosamente, a reflexão sobre o judaísmo não confirma tal impressão: o judaísmo não assume a sua mediterraneidade. Os judeus arcaicos e clássicos não são como os gregos, e nem sequer como seus irmãos gêmeos, os fenícios, para os quais o mediterrâneo é o clima vital que respiram. Para eles o "mar" não é o mediterrâneo, mas dois lagos, o "mar" da Galileia e o "mar" Morto. É como se tivessem dado deliberadamente as costas ao mar para enfrentar o deserto. Isto é problema para quem quiser compreender as suas raízes judias.

Por certo: explicações de tal recusa judaica do Mediterrâneo não faltam. Os judeus seriam originários da Mesopotâmia, e a Palestina seria terra dos filisteus que ocupavam a costa por longo tempo. Ou: os judeus seriam originalmente pastores nômades, para os quais a navegação seria modo de vida estranho. Ou: o judaísmo se formou no vale do Nilo enquanto ideologia de servos na agricultura. Mas tais explicações nada explicam: são argumentos provenientes da Bíblia, texto relativamente tardio, o qual já reflete ele próprio, a recusa judaica da mediterraneidade. A pesquisa proto-histórica aponta origem diferente da cultura judia: o hebraico é língua siríaca, e a literatura hebraica tem início na primeira metade do segundo milênio a.C. enquanto comunicação de mercadores marítimos em Ugarit: trata-se de listas de mercadorias importadas e exportadas em barcos. De maneira que a Bíblia, a qual não menciona tal literatura da qual ela própria se originou, não pode explicar a recusa judaica do Mediterrâneo: ela própria é tal recusa.

O problema não pode ser atacado historicamente. A época da formação do judaísmo, e a da formação da sua antítese dialéctica, do helenismo, não é suficientemente bem documentada para permitir que observemos como as duas cosmovisões se estruturaram. O certo é que nessa época, que é a da passagem do bronze para o ferro, os protogregos optaram contra a sua origem étnica, centro-asiática, (indo-europeia e talvez mongólica), e em prol da mediterraneidade, enquanto os proto-judeus optaram contra a sua origem étnica mediterrânea, (siríaca e talvez copta), e em prol daquele estar-no-mundo mais tarde chamado "judaísmo". Não é historicamente, mas é por introspecção que podemos esperar esclarecer o problema: porque ambos, judaísmo e helenismo, estão guardados no íntimo das nossas mentes.

O Mediterrâneo se manifesta, em nosso íntimo, enquanto clima existencial específico, caracterizável pelos termos "moderação e medida". É o terreno da luminosidade clara, no qual todas as coisas têm dimensões apropriadas ao homem. É composto de vales que podem ser travessados a pé, e que dão em baías travessáveis a nado. O mar penetra o continente por numerosos praços de água azul transparente, e o continente penetra o mar por numerosas penínsulas e ilhas acessíveis. Todo vale, toda ilha permitem que se estabeleça sociedade humana com características próprias, mas aberta rumo às demais sociedades. A terra permite nível de vida modesto, baseado sobre a azeitona, a uva e o trigo, e ligeiramente enriquecido por navegação costeira, e por contactos terrestres com o interior do continente. Em tal terreno eminentemente humano o homem passa a ser, quase espontaneamente, a medida de todas as coisas. É a transparência e clareza passam a ser, quase espontaneamente, os métodos ideais da visão humana.

Inescapavelmente tal descrição do clima mediterrâneo é grega. A descrição da paisagem é a da Grécia, e a descrição da existência é a do estar-no-mundo grego. Inescapavelmente: porque foram os gregos quem elaboraram o Mediterrâneo para a nossa sensibilidade. Mas tudo que foi dito é aplicável, com ligeiras modificações, ao Mediterrâneo todo: à Toscana e à Liguria, à Côte d'Azur e à Catalunha, à Andalucia e à Tunisia, à costa turca e à libaneza, à Sicilia e a Sardenha, e à Palestina. Todos os habitantes da região mediterrânea sejam gregos ou latinos, árabes ou turcos, sejam de descendência etrusca, ligure, celta, ibérica, berbera, copta, siríaca ou hitita, ou sejam de origem extra-mediterrânea como o são os germanos, árabes, turcos e negros, compartilham desse clima existencial, embora o façam, todos, pelo crivo das categorias gregas. Os únicos habitantes do Mediterrâneo que se recusam a participar de tal clima são os judeus clássicos e os Israelitas.

O clima mediterrâneo contrasta com outros climas existenciais que influem na cultura do Ocidente. Com o das florestas temperadas dos celtas, com seu jogo de luzes e sombras, com o das florestas imensas dos germanos, com sua escuridão impenetrável, com o dos campos molhados dos eslavos, com sua suavidade que congela no inverno, com o das estepes infinitas dos mongóis, com seus horizontes abertos, com o dos desertos quentes dos árabes, com suas oásis em torno de poços. Todos esses climas contribuíram para a formação da personalidade ocidental que domina, (ainda) o globo: a magia celta, a "profundidade" escura germânica, a "alma" eslava e o chamanismo turco-mongólico, o fatalismo fatamorgânico dos árabes. Mas o núcleo da personalidade ocidental é formado pelo clima mediterrâneo formulado pelos gregos e modelado pelos latinos, e pela recusa judia a tal clima. A contenda entre a mediterraneidade grega e a anti-mediterraneidade judia é a dinâmica que propule o Ocidente, que fez com que o Ocidente domine o mundo, e que pode fazer com que o Ocidente não apenas perca o domínio, mas desapareça enquanto forma de existência humana.

-5- 3

Os elementos não-mediterrâneos do Ocidente não contestam a mediterraneidade: procuram, pelo contrário, "conquistá-la". A história dos celtas é a história de sua mediterraneização progressiva, e o camponês celta vai sustentando a "polis": os monstros celtas das catedrais góticas são testemunhas da integração da magia celta no edifício "católico" da mediterraneidade. Os germanos vivem sua história em função do Mediterrâneo: "viajam" para a Itália, "buscam a terra dos gregos com a alma", e a contenda medieval entre Imperador e Papa são o método pelo qual os germanos se mediterraneizam. Os eslavos se "orientam" em direção do Mediterrâneo, e Constantinopla, (Tsarigrad), é o seu centro espiritual e sua meta: a ortodoxia eslava, seja ela cristã ou marxista, é a forma pela qual os eslavos absorvem o Mediterrâneo e por ele são absorvidos. Os turco-mongóis são divididos em três tendências: a rumo ao Mar Amarelo, a rumo ao Oceano Índico, e a rumo ao Mediterrâneo. Mas é a tendência ocidental, a que acabou conquistando Constantinopla e lá erigiu o seu sultanado, que entrou na consciência ocidental, e que "ameaçou" duas vezes Viena, tal capital do Santo Império Romano, cidade mediterrânea à beira do Danúbio. E os árabes, finalmente, absorveram, ao conquistarem a maior parte do Mediterrâneo, o clima existencial correspondente, e transformaram o pensamento grego em base para a ciência renascentista, tal articulação suprema da mediterraneidade. Apenas os judeus, este elemento mais enraizadamente mediterrâneo do Ocidente, recusaram-se, com êxito variável a dele participarem. Não estará nisto uma das raízes profundas do antissemitismo?

Por quê tal recusa? Por quê os judeus, estes mediterrâneos natos, rejeitam o seu próprio terreno natal, quando culturas tão estranhas a ele como o são a germânica e a eslava, o adoptam? A própria formulação da pergunta contém a resposta. Para os judeus, ao contrário dos demais elementos que perfazem o Ocidente, (inclusive os gregos e os latinos), o Mediterrâneo é a terra natal, o ambiente "dado". Para os demais, é ele a meta a ser alcançada: o centro almejado. 'E ele para todos os povos ocidentais menos o judeu, Medi-Terrâneo, isto é: foco de todas as terras. 'E sobre ele que se precipitam para nele se "normalizarem": adquirem o "metron", a medida justa de todas as coisas. Mas os judeus já nasceram "normais", isto é: à beira do Mediterrâneo, no centro do mundo. Pois é a essa normalidade, a essa medida clara e transparente das coisas e da existência, que se recusam. Dão as costas ao Mediterrâneo, à beira do qual nasceram, porque buscam outra medida, outra normalidade que não a mediterraneamente humana. Enfrentam o deserto, que lhes é hostil, para lá encontrarem o que transcende a moderada luminosidade: a luz ofuscante e o sopro quente do Intelectualmente diferente. 'E em busca de normas trans-humanas, de medidas que transcendem o homem, em obediência a voz que os chama a partir de alhures, em busca e em obediência a "mandamentos transcendentais", que os judeus dão as costas ao Mediterrâneo e enfrentam regiões dos quais os romanos dirão que "hinc sunt leones".

A introspecção, mais que considerações históricas ou leitura crítica de textos, é responsável por tal interpretação do judaísmo face aos encantos sedutores do Mediterrâneo. 'E por introspecção, mais que por e locuções filosóficas, teológicas ou filológicas, que constato o significado que o conceito do paganismo tem no judaísmo: paganismo é permitir que o Mediterrâneo se torne o clima da vida. Nos passeios pelos vales e pelas colinas da Provença, pelos caminhos rochosos que acompanham a costa dita "azul", (mas que é "azur", isto é: roxa), e na experiência sempre renovada da clareza transparente da água do mar, (a despeito da poluição, proclamada mas imperceptível), vivencio o significado das invectivas que os profetas lançavam contra o paganismo, porque vivencio o perigo contra o qual alertavam. E em tais experiências vivencio também, introspectivamente, o outro lado da medallina, o aspecto anti-judaico do problema de ser mediterrâneo. Aquele que Nietzsche cantou ao descrever a vitória do Deus judeu sobre os deuses que antes a'Ele orientavam a vida: "Em noites claras ouvido atento pode perceber a voz que chora sobre as ondas do Mediterrâneo: 'Ai de nos, o Grande Pã morreu'".

Todo participante da cultura ocidental, donde quer que esteja, é chamado a decidir-se entre ser mediterrâneo, e abrir-se ao que transcende a mediterrâneidade. Entre uma vida "no meio das terras", e uma vida que encara o Outro lado. Entre uma vida na qual o homem é a medida de todas as coisas, e uma vida para a qual as medidas são trans-humanas. E todo participante da cultura ocidental é chamado a tomar tal decisão não apenas uma vez para sempre, como ato de engajamento, mas também em toda ocasião específica, sempre de novo, quando se trata de agir em contexto momentaneamente dado. Porque a cultura ocidental é fundamentalmente ambivalente: pré-figura tanto a existência mediterrânea, quanto a existência no transcendente.

Mas tal decisão existencial se apresenta sob luz diferente para judeus, e para os demais participantes da nossa cultura. Para os demais, a decisão é a entre o humanismo, (e todos os seus avatares), e o cristianismo, (e todas as formas de vida que dele derivam). Porque para todos os demais o humanismo, (a mediterrâneidade), é meta, e o cristianismo é superação de tal meta. Mas para os judeus a decisão é a entre o judaísmo e a recada dentro da mediterrâneidade. Porque para os judeus o humanismo não é meta, mas ponto de partida. Ser mediterrâneo, para os judeus não é, como o é para os demais, um "ideal", mas é a realidade. Isto explica porque a atração exercida pela paisagem mediterrânea sobre o autor deste ensaio é visceral, e não ideológica, como o é sobre não-judeus, sobretudo se estes habitam regiões geograficamente e culturalmente afastadas destas praias esplendorosas. Os demais "devem ser" mediterrâneos, o judeus o são, e "não devem sê-lo".